

## A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E DO ETHOS DISCURSIVO NO DISCURSO DE VITÓRIA DE LULA EM 2022.

### Resumo

Este trabalho tem o objetivo de investigar a construção do ethos e da memória discursiva no discurso de vitória de Lula, ao ser eleito presidente, na última eleição presidencial de 2022. O enfoque é a Análise do Discurso Francesa, considerando os aportes teóricos de Michel Pechêux (1997), acerca da memória, de Patrick Charaudeau (2015) e de Ruth Amossy (2020) sobre a categoria linguística do ethos. A metodologia de análise é qualitativa, a partir da seleção de algumas materialidades linguísticas, conforme os sentidos/interpretação das falas proferidas. A partir do objeto proposto identificamos a construção de vários ethos como o “ethos de credibilidade”, “ethos de identificação” que se configuram como um fortalecimento da imagem de si, construído pelo próprio político, na intenção de influenciar o auditório.

**Palavras-chave:** Comunicação. Memória discursiva. Ethos discursivo. Discurso político.

**Manuela Callou. (Autora)**  
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE ALAGOAS

**Juan Pablo Ricardo (Autor)**  
Vínculo Institucional: INSTITUTO  
FEDERAL DE ALAGOAS

Submetido em DEZ/2023  
Aceito em FEV/2024  
Revisado em JUL/2024  
Publicado em AGO/2024

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de investigar a construção do ethos e da memória discursiva no discurso de Lula, ao ser eleito presidente, na última eleição presidencial de 2022. O enfoque teórico é a Análise do Discurso Francesa, considerando os aportes de Michel Pêcheux (1997), acerca da memória e de Patrick Charaudeau (2015) e de Ruth Amossy (2020), sobre o ethos. A metodologia de análise é qualitativa, a partir da seleção de materialidades linguísticas, conforme os sentidos/interpretação do político nas falas proferidas.

A memória discursiva se relaciona com as formações discursivas, trazendo elementos de análise para a “emergência” do ethos do enunciador e em como esse ethos é constituído. Sobre o conceito de ethos, trazemos considerações propostas por Amossy (2020), que pontua o ethos no discurso através do modo de dizer do locutor, em uma situação específica e também consideramos os aportes de Charaudeau (2015), relacionados às categorias de ethos de credibilidade e de identificação. Portanto, identificamos quais são os ethos mais proeminentes no discurso de Lula e como influencia na construção da memória discursiva.

Para Pêcheux (1997), inspirado em Althusser, as falas proferidas no discurso estão relacionadas com a formação ideológica e social e que, portanto, os posicionamentos ideológicos e políticos são feitos pelos sujeitos, em um corpus de dominação ou de aliança. As formações ideológicas estão entrelaçadas em diversas formações discursivas, que, para Pêcheux, significam o que pode e o que deve ser dito em um determinado contexto.

Assim, a noção da memória discursiva, dentro dos postulados da Análise do Discurso Francesa, está relacionada ao sujeito na produção do discurso, mencionando, implicitamente, o que já foi dito em outros discursos. Pêcheux (1999, p. 52) afirma que a “memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, estabelece os ‘implícitos’ de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Assim, o conceito de memória está relacionado à recorrência de enunciados, produzindo sentidos, inscritos na história e na língua.

Nessa relação discursiva, os sentidos e o sujeito materializam uma memória coletiva, característica da época histórica, trazendo ao analista do discurso esses dispositivos já constituídos

anteriormente. Ora, se a memória retorna sob algo que já foi dito, investigaremos como é constituída a memória e como se relaciona com a construção do ethos discursivo.

Sobre o conceito de ethos discursivo, faz-se mister mencionar, primeiramente, o significado da palavra ethos. A palavra ethos é entendida desde variados postulados teóricos. Na retórica clássica de Aristóteles, o ethos é uma categoria relacionada à persuasão, já que o discurso assume uma intencionalidade de convencimento: “persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé (...). É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso” (ARISTÓTELES, 2005, p. 96).

A partir dessa concepção do ethos de Aristóteles, o conceito foi sendo apropriado por diversos estudiosos, alcançando, inclusive, outros significados. Para este estudo, vamos nos apropriar do ethos na análise argumentativa, compreendendo o ethos discursivo e o ethos prévio, propostos por Amossy (2020). O ethos discursivo está ligado ao campo discursivo e em como o enunciador representa o ato de enunciação, considerando a posição no campo que pertence e também os estereótipos que contribuem na compreensão de como o enunciador se posiciona na hora de discursar.

Para Amossy (2020), o ethos discursivo resulta das representações do enunciador às imagens que ele acredita que são constituídas pelo auditório:

(...) a interação entre o orador e seu auditório se efetua necessariamente por meio da imagem que fazem um do outro. É a representação que o enunciador faz do auditório, as ideias e as reações que ele apresenta, e não sua pessoa concreta, que modelam a persuasão (AMOSSY, 2020, p. 124).

Nesse sentido, as materialidades linguísticas (tópicos, textos, estrutura gramatical, etc.), o paralinguístico (tom de voz, pausas no discurso) e o plurissemiótico (linguagem não verbal) também podem ser utilizadas na construção do ethos. Para este trabalho, iremos utilizar as materialidades linguísticas e, a continuação em estudos posteriores, analisaremos os demais aspectos.

Sobre o ethos prévio, desenvolvido por Amossy (2020), Maingueneau (2008), refere-se à imagem que o auditório faz do locutor antes que realize o discurso. Portanto, são consideradas categorias como status e poder do locutor, posição no campo - que legitima a fala - além da

representação coletiva que circula sobre o locutor. Assim, “o orador político pode assinalar em nome de que ele fala e apoiar-se na autoridade de suas funções lhe conferem” (AMOSSY, 2020, p. 91).

## **METODOLOGIA**

O estudo é qualitativo e se baseia na Análise do Discurso Francesa, a partir da seleção de materialidades linguísticas e análise dos sentidos. Além disso, analisaremos a constituição do ethos prévio e do ethos discursivo do discurso do presidente Lula e a relação com a memória, eleito na última eleição de outubro de 2020, considerando o posicionamento político-ideológico do presidente, além da classificação do ethos de credibilidade e identificação, propostos por Charaudeau (2015), discutidos a seguir.

Para Charaudeau (2015), o ethos prévio e o ethos discursivo são categorias independentes e estão vinculadas a figuras identitárias que compõe a si no discurso político: ethos de credibilidade e de identificação. O primeiro caracteriza-se que o sujeito constrói para si mesmo uma identidade de que é digno de crédito, conduzindo o auditório a julgá-lo como tal. Para isso, o locutor deve ter a condição de transparência (dizer a verdade), a condição de performance (de fazer promessas e cumpri-las) e a condição de eficácia (de que trata resultados eficazes). Já o ethos de identificação está relacionado à instância cidadã, ou seja, aos ideais do político. Assim, o político constrói imagens de si considerando o afeto do outro, sendo destacadas as categorias de solidariedade, humanidade, entre outras (CHARAUDEAU, 2015).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na análise do discurso do presidente eleito é importante destacar que na história das eleições desde a redemocratização no Brasil o vencedor da contenda eleitoral faz um discurso onde se pode vislumbrar como foi o percurso da campanha, as problemáticas que têm atravessado e os desafios ao assumir o poder. Desde o ponto de vista simbólico do poder político, se reafirmam as promessas de campanha que se manifestam qual será o tom e os passos a seguir. E no caso de vencer um

opponente de outro partido, se enfatizam os caminhos a seguir em oposição aos caminhos seguidos pelo candidato vencido.

O presidente eleito, Lula, começa o discurso sem seu tradicional “companheiros e companheiras”. Isso nos remete à confirmação do próprio campo político, confirmado por forças de diversos partidos. No caso de Alckmin, mesmo que tenha sido opositor no passado, agora ocupa um espaço importante na mesma chapa. Porém, esse chamado de “amigos” e “amigas” não se refere somente aos integrantes próximos ao mesmo ideal político do presidente eleito, senão também ao povo brasileiro que, no sentido *latu sensu*, nesse caso atual da cena política eleitoral de 2022, frente à polarização e muitas pessoas opostas a ideias do Partido dos Trabalhadores ou da chamada “esquerda”, tiveram que decidir e votar em um candidato petista.

Essa materialidade linguística, a partir da utilização de determinadas palavras, nos conduz à análise sobre o ethos discursivo baseado nas marcas da língua utilizadas, inscritas no ato de enunciação. Dessa forma, é que se refere à vitória lulista como uma vitória do povo brasileiro e não dele nem do partido dos trabalhadores. Nesse sentido, parece se estabelecer uma luta maior entre forças superiores que marcam as disputas da sociedade contemporânea. Uma força que, discursivamente, se propõe como democrática e defensora dos valores republicanos alinhada aos valores da democracia social que tem como pilares a liberdade, igualdade e fraternidade, com inclusão social e oportunidades para todos.

Nessa perspectiva, o ethos prévio se apresenta no discurso de Lula relacionado a esses valores democráticos, pois o discurso foi produzido com base na imagem que o público tem sobre o presidente eleito (numa eleição cuja vitória se deu por coalização de forças políticas partidárias diferentes). Portanto, o locutor reforça essa construção para influenciar o auditório, logo, como diz Amossy (2020), o ethos prévio está relacionado à imagem de si que o locutor constrói, com a finalidade de influência sobre seu alocutário.

É importante destacar o recurso da repetição no discurso lulista da vitória de que foi o povo brasileiro quem o escolheu; o reforço de que foi o povo brasileiro quem o quis eleito, quem o fez; destacando novamente a construção do ethos discursivo através das materialidades. Dessa maneira, como estratégia discursiva, se oculta a ideia de um partido que dirige ou de um líder que representa essa direção e se coloca o foco no que o povo quer, sendo essa decisão de mudança uma consequência da democracia.

Nesse sentido, a palavra “democracia” se ressignifica devido ao contexto vivido no país e pelas acusações de o ex-presidente ser um “fascista”, “antidemocrático”, “autoritário”; por ele se valer de aspectos simbólicos e típicos que corroboravam essa ideia (homenagens a ditadores tanto brasileiros como estrangeiros, um forte apelo à religião e às forças armadas, assim como um discurso conservador desde o ponto de vista social). Então, desde esse ponto de vista e, a partir do discurso do outro, Lula construiu seu discurso estabelecendo os pontos opostos para o que virá (sua política para o seu governo).

Um dos pilares por onde o discurso se sustentou foi o aspecto econômico, marcando o caminho que a economia teria com mecanismos de inclusão, geração de empregos, valorização do salário, reconstituição do valor de compra e renegociação de dívidas. Também houve momento de enfrentar o racismo, o preconceito, a discriminação, a violência contra a mulher, a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Desse modo, o discurso foi se encaminhando para um discurso apaziguador, democrático e com oportunidades e, por conseguinte, a figura de Lula emerge como um conciliador que não quer um país dividido. Notamos sempre a presença do ethos discursivo nas falas do presidente eleito.

Neste caso em particular, o discurso se assume longe dos conceitos da esquerda e se relaciona mais a conceitos liberais de convivência social. O confronto é deixado de lado para procurar consensos. Existe a necessidade de reconhecer o Brasil como uma coisa só e colocar que as desigualdades não serão combatidas de forma conflitiva. É o que se materializa constantemente pelo uso do termo “reconstrução” que tem como carga semântica a volta a construir algo juntos, sem conflitos, ódios nem armas. A reconstrução terá como base a generosidade, a solidariedade, o respeito às diferenças e o amor, elementos esses que são resgatados da memória coletiva (do povo). Esse processo discursivo de resgate, uso e reutilização de significados confirma a presença da memória discursiva, categorizado por Pêcheaux (1997).

No discurso de vitória de Lula, objeto de análise, também se destaca o papel do Brasil dentro do mundo e das relações internacionais. O retorno do país a grandes discussões de decisão mundial e da luta por um mundo melhor, bem como questões ambientais e o papel estratégico da nação sobre a Amazônia (sua defesa e preservação) apontam o uso da memória discursiva.

Na parte final, há o diálogo com um grande setor da população a partir das crenças religiosas e o apelo ao papel do Amor e de Jesus Cristo, além da menção ao Papa Francisco. Embora haja um

pedido e interpelação por união, a eleição de uma figura eclesialística como o papa implica numa tomada de posição intencional e marcação discursiva do presidente eleito: ao se considerar que as igrejas pentecostais, em sua maioria, (principalmente pastores) apoiaram o opositor a Lula. E para dar fechamento a esse conceito de união, o presidente eleito faz um chamado a todos para uma reconstrução sem conflitos nem ódios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre os sentidos do discurso do presidente Lula, podemos analisar que o discurso se dilui para diferentes correntes por estar fazendo referências às políticas aplicadas no governo Bolsonaro. Verificamos a presença da memória discursiva, a partir da relação dialógica entre Lula e Bolsonaro referente à construção do texto, já que as acusações apontam contra a gestão do governo anterior a respeito do maltrato com a população em geral e principalmente aquela de Minoria representada (LGBTQUIAPN+, os negros, os indígenas, os pobres e as pessoas com covid-19/pandemia).

A reconstrução proposta pelo governo Lula associa-se a programas abandonados ou diminuídos que serão retomados (por sua política e plano de governo) e que foram bandeiras no passado. O combate à extrema pobreza, a fome, a falta de moradia, além de falar várias vezes sobre a retomada do diálogo com todos os setores da população e também com os partidos opositores. Portanto, o ethos de credibilidade e de identificação foram percebidos nas falas do presidente eleito, a partir das palavras referidas acima.

Verificamos, também, que todo discurso tem interlocutores reais e interlocutores modelo. E na construção deste discurso, vemos que os pilares, como já mencionados anteriormente, foram estabelecidos em oposição ao governo anterior. O receptor-modelo para quem foi feito o discurso é justamente para quem se opôs ao novo governo eleito, destacando como será o acionar ideológico a partir da ascensão do governo Lula. Em definitiva, o ethos discurso se inscreve num marco dialógico onde o discurso da vitória de Lula e as argumentações se constroem olhando para esse Outro que não se menciona, mas está presente em todas as construções em cada uma das propostas e ideias apresentadas.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. O ethos discursivo ou a encenação do orador. In: \_\_\_\_\_. **A argumentação do discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa-Nacional da Moeda, 2005.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. Tradução: Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2015.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A.R; SALGADO, L (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1997.

Anexo - Discurso de Lula (Ano 2022)

“Meus amigos e minhas amigas.

Chegamos ao final de uma das mais importantes eleições da nossa história. Uma eleição que colocou frente a frente dois projetos opostos de país, e que hoje tem um único e grande vencedor: o povo brasileiro.

Esta não é uma vitória minha, nem do PT, nem dos partidos que me apoiaram nessa campanha. É a vitória de um imenso movimento democrático que se formou, acima dos partidos políticos, dos interesses pessoais e das ideologias, para que a democracia saísse vencedora.

Neste 30 de outubro histórico, a maioria do povo brasileiro deixou bem claro que deseja mais – e não menos democracia.

Deseja mais – e não menos inclusão social e oportunidades para todos. Deseja mais – e não menos respeito e entendimento entre os brasileiros. Em suma, deseja mais – e não menos liberdade, igualdade e fraternidade em nosso país.

O povo brasileiro mostrou hoje que deseja mais do que exercer o direito sagrado de escolher quem vai governar a sua vida. Ele quer participar ativamente das decisões do governo.

O povo brasileiro mostrou hoje que deseja mais do que o direito de apenas protestar que está com fome, que não há emprego, que o seu salário é insuficiente para viver com dignidade, que não tem acesso a saúde e educação, que lhe falta um teto para viver e criar seus filhos em segurança, que não há nenhuma perspectiva de futuro.

O povo brasileiro quer viver bem, comer bem, morar bem. Quer um bom emprego, um salário reajustado sempre acima da inflação, quer ter saúde e educação públicas de qualidade.

Quer liberdade religiosa. Quer livros em vez de armas. Quer ir ao teatro, ver cinema, ter acesso a todos os bens culturais, porque a cultura alimenta nossa alma.

O povo brasileiro quer ter de volta a esperança.

É assim que eu entendo a democracia. Não apenas como uma palavra bonita inscrita na Lei, mas como algo palpável, que sentimos na pele, e que podemos construir no dia-dia.

Foi essa democracia, no sentido mais amplo do termo, que o povo brasileiro escolheu hoje nas urnas. Foi com essa democracia – real, concreta – que nós assumimos o compromisso ao longo de toda a nossa campanha.



E é essa democracia que nós vamos buscar construir a cada dia do nosso governo. Com crescimento econômico repartido entre toda a população, porque é assim que a economia deve funcionar – como instrumento para melhorar a vida de todos, e não para perpetuar desigualdades.

A roda da economia vai voltar a girar, com geração de empregos, valorização dos salários e renegociação das dívidas das famílias que perderam seu poder de compra.

A roda da economia vai voltar a girar com os pobres fazendo parte do orçamento. Com apoio aos pequenos e médios produtores rurais, responsáveis por 70% dos alimentos que chegam às nossas mesas.

Com todos os incentivos possíveis aos micros e pequenos empreendedores, para que eles possam colocar seu extraordinário potencial criativo a serviço do desenvolvimento do país.

É preciso ir além. Fortalecer as políticas de combate à violência contra as mulheres, e garantir que elas ganhem o mesmo salários que os homens no exercício de igual função.

Enfrentar sem tréguas o racismo, o preconceito e a discriminação, para que brancos, negros e indígenas tenham os mesmos direitos e oportunidades.

Só assim seremos capazes de construir um país de todos. Um Brasil igualitário, cuja prioridade sejam as pessoas que mais precisam.

Um Brasil com paz, democracia e oportunidades.

Minhas amigas e meus amigos.

A partir de 1º de janeiro de 2023 vou governar para 215 milhões de brasileiros, e não apenas para aqueles que votaram em mim. Não existem dois Brasis. Somos um único país, um único povo, uma grande nação.

Não interessa a ninguém viver numa família onde reina a discórdia. É hora de reunir de novo as famílias, refazer os laços de amizade rompidos pela propagação criminosa do ódio.

A ninguém interessa viver num país dividido, em permanente estado de guerra.

Este país precisa de paz e de união. Esse povo não quer mais brigar. Esse povo está cansado de enxergar no outro um inimigo a ser temido ou destruído.

É hora de baixar as armas, que jamais deveriam ter sido empunhadas. Armas matam. E nós escolhemos a vida.

O desafio é imenso. É preciso reconstruir este país em todas as suas dimensões. Na política, na economia, na gestão pública, na harmonia institucional, nas relações internacionais e, sobretudo, no cuidado com os mais necessitados.

É preciso reconstruir a própria alma deste país. Recuperar a generosidade, a solidariedade, o respeito às diferenças e o amor ao próximo.

Trazer de volta a alegria de sermos brasileiros, e o orgulho que sempre tivemos do verde-amarelo e da bandeira do nosso país. Esse verde-amarelo e essa bandeira que não pertencem a ninguém, a não ser ao povo brasileiro.

Nosso compromisso mais urgente é acabar outra vez com a fome. Não podemos aceitar como normal que milhões de homens, mulheres e crianças neste país não tenham o que comer, ou que consumam menos calorias e proteínas do que o necessário.

Se somos o terceiro maior produtor mundial de alimentos e o primeiro de proteína animal, se temos tecnologia e uma imensidão de terras agricultáveis, se somos capazes de exportar para o mundo inteiro, temos o dever de garantir que todo brasileiro possa tomar café da manhã, almoçar e jantar todos os dias.

Este será, novamente, o compromisso número 1 do nosso governo.

Não podemos aceitar como normal que famílias inteiras sejam obrigadas a dormir nas ruas, expostas ao frio, à chuva e à violência.

Por isso, vamos retomar o Minha Casa Minha Vida, com prioridade para as famílias de baixa renda, e trazer de volta os programas de inclusão que tiraram 36 milhões de brasileiros da extrema pobreza.

O Brasil não pode mais conviver com esse imenso fosso sem fundo, esse muro de concreto e desigualdade que separa o Brasil em partes desiguais que não se reconhecem. Este país precisa se reconhecer. Precisa se reencontrar consigo mesmo.

Para além de combater a extrema pobreza e a fome, vamos restabelecer o diálogo neste país. É preciso retomar o diálogo com o Legislativo e Judiciário. Sem tentativas de exorbitar, intervir, controlar, cooptar, mas buscando reconstruir a convivência harmoniosa e republicana entre os três poderes. A normalidade democrática está consagrada na Constituição. É ela que estabelece os direitos e obrigações de cada poder, de cada instituição, das Forças Armadas e de cada um de nós. A Constituição rege a nossa existência coletiva, e ninguém, absolutamente ninguém, está acima dela, ninguém tem o direito de ignorá-la ou de afrontá-la. Também é mais do que urgente retomar o diálogo entre o povo e o governo. Por isso vamos trazer de volta as conferências nacionais. Para que os interessados elejam suas prioridades, e apresentem ao governo sugestões de políticas públicas para cada área: educação, saúde, segurança, direitos da mulher, igualdade racial, juventude, habitação e tantas outras. Vamos retomar o diálogo com os governadores e os prefeitos, para definirmos juntos as obras prioritárias para cada população. Não interessa o partido ao qual pertençam o governador e o prefeito. Nosso compromisso será sempre com melhoria de vida da população de cada estado, de cada município deste país. Vamos também reestabelecer o diálogo entre governo, empresários, trabalhadores e sociedade civil organizada, com a volta do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. Ou seja, as grandes decisões políticas que impactem as vidas de 215 milhões de brasileiros não serão tomadas em sigilo, na calada da noite, mas após um amplo diálogo com a sociedade. Acredito que os principais problemas do Brasil, do mundo, do ser humano, possam ser resolvidos com diálogo, e não com força bruta. Que ninguém duvide da força da palavra, quando se trata de buscar o entendimento e o bem comum. Meus amigos e minhas amigas. Nas minhas viagens internacionais, e nos contatos que tenho mantido com líderes de diversos países, o que mais escuto é que o mundo sente saudade do Brasil. Saudade daquele Brasil soberano, que falava de igual para igual com os países mais ricos e poderosos. E que ao mesmo tempo contribuía para o desenvolvimento dos países mais pobres. Brasil que apoiou o desenvolvimento dos países africanos, por meio de cooperação, investimento e transferência de tecnologia. Que trabalhou pela integração da América do Sul, da América Latina e do Caribe, que fortaleceu o Mercosul, e ajudou a criar o G-20, a UnaSul, a Celac e os BRICS. Hoje nós estamos dizendo ao mundo que o Brasil está de volta. Que o Brasil é grande demais para ser relegado a esse triste papel de pária do mundo. Vamos reconquistar a credibilidade, a previsibilidade e a estabilidade do país, para que os investidores – nacionais e estrangeiros – retomem a confiança no Brasil. Para que deixem de enxergar nosso país como fonte de lucro imediato e predatório, e passem a ser nossos parceiros na retomada do crescimento econômico com inclusão social e sustentabilidade ambiental. Queremos um comércio internacional mais justo. Retomar nossas parcerias com os Estados Unidos e a União Europeia em novas bases. Não nos interessam acordos comerciais que condenem nosso país ao eterno papel de exportador de commodities e matéria prima. Vamos re-industrializar o Brasil, investir na economia verde e digital, apoiar a criatividade dos nossos empresários e empreendedores. Queremos exportar também conhecimento. Vamos lutar novamente por uma nova governança global, com a inclusão de mais países no Conselho de Segurança da ONU e com o fim do direito a veto, que prejudica o equilíbrio entre as nações. Estamos prontos para nos engajar outra vez no combate à fome e à desigualdade no mundo, e nos esforços para a promoção da paz entre os povos. O Brasil está pronto para retomar o seu protagonismo na luta contra a crise climática, protegendo todos os nossos biomas, sobretudo a Floresta Amazônica.

Em nosso governo, fomos capazes de reduzir em 80% o desmatamento na Amazônia, diminuindo de forma considerável a emissão de gases que provocam o aquecimento global.

Agora, vamos lutar pelo desmatamento zero da Amazônia

O Brasil e o planeta precisam de uma Amazônia viva. Uma árvore em pé vale mais do que toneladas de madeira extraídas ilegalmente por aqueles que pensam apenas no lucro fácil, às custas da deterioração da vida na Terra.

Um rio de águas límpidas vale muito mais do que todo o ouro extraído às custas do mercúrio que mata a fauna e coloca em risco a vida humana.

Quando uma criança indígena morre assassinada pela ganância dos predadores do meio ambiente, uma parte da humanidade morre junto com ela.

Por isso, vamos retomar o monitoramento e a vigilância da Amazônia, e combater toda e qualquer atividade ilegal – seja garimpo, mineração, extração de madeira ou ocupação agropecuária indevida.

Ao mesmo tempo, vamos promover o desenvolvimento sustentável das comunidades que vivem na região amazônica. Vamos provar mais uma vez que é possível gerar riqueza sem destruir o meio ambiente.

Estamos abertos à cooperação internacional para preservar a Amazônia, seja em forma de investimento ou pesquisa científica. Mas sempre sob a liderança do Brasil, sem jamais renunciarmos à nossa soberania.

Temos compromisso com os povos indígenas, com os demais povos da floresta e com a biodiversidade. Queremos a pacificação ambiental.

Não nos interessa uma guerra pelo meio ambiente, mas estamos prontos para defendê-lo de qualquer ameaça. Meus amigos e minhas amigas.

O novo Brasil que iremos construir a partir de 1º de janeiro não interessa apenas ao povo brasileiro, mas a todas as pessoas que trabalham pela paz, a solidariedade e a fraternidade, em qualquer parte do mundo.

Na última quarta-feira, o Papa Francisco enviou uma importante mensagem ao Brasil, orando para que o povo brasileiro fique livre do ódio, da intolerância e da violência.

Quero dizer que desejamos o mesmo, e vamos trabalhar sem descanso por um Brasil onde o amor prevaleça sobre o ódio, a verdade vença a mentira, e a esperança seja maior que o medo.

Todos os dias da minha vida eu me lembro do maior ensinamento de Jesus Cristo, que é o amor ao próximo. Por isso, acredito que a mais importante virtude de um bom governante será sempre o amor – pelo seu país e pelo seu povo.

No que depender de nós, não faltará amor neste país. Vamos cuidar com muito carinho do Brasil e do povo brasileiro. Viveremos um novo tempo. De paz, de amor e de esperança.

Um tempo em que o povo brasileiro tenha de novo o direito de sonhar. E as oportunidades para realizar aquilo que sonha.

Para isso, convido a cada brasileiro e cada brasileira, independentemente em que candidato votou nessa eleição. Mais do que nunca, vamos juntos pelo Brasil, olhando mais para aquilo que nos une, do que para nossas diferenças.

Sei a magnitude da missão que a história me reservou, e sei que não poderei cumpri-la sozinho. Vou precisar de todos – partidos políticos, trabalhadores, empresários, parlamentares, governadores, prefeitos, gente de todas as religiões. Brasileiros e brasileiras que sonham com um Brasil mais desenvolvido, mais justo e mais fraterno.

Volto a dizer aquilo que disse durante toda a campanha. Aquilo que nunca foi uma simples promessa de candidato, mas sim uma profissão de fé, um compromisso de vida:

O Brasil tem jeito. Todos juntos seremos capazes de consertar este país, e construir um Brasil do tamanho dos nossos sonhos – com oportunidades para transformá-los em realidade.

Mais uma vez, renovo minha eterna gratidão ao povo brasileiro. Um grande abraço, e que Deus abençoe nossa jornada.

“Olha, eu queria apenas dizer para vocês que essa não é uma vitória minha, não é uma vitória só do PT. Essa foi uma vitória de todas as mulheres e homens que amam a democracia, que querem liberdade, que querem

um país mais justo. Essa foi a vitória das pessoas que querem mais cultura, que querem mais educação, que querem mais fraternidade, mais igualdade. Essa vitória é de todos os homens e mulheres que resolveram libertar esse país do autoritarismo. Por isso, eu queria dizer para vocês que eu tô com dificuldade, porque eu queria fazer três discursos. Um naquela ponta, outro naquela ponta e um aqui. Eu vou tentar aqui apenas dizer algumas palavras.

Eu tenho que agradecer a cada pessoa que me ajudou nessa campanha. A senadora que foi candidata a presidenta, Simone Tebet, companheira de muito valor, de muita qualidade, de muita competência. A nossa senadora do estado do Maranhão, a Eliziane, foi outra companheira muito dedicada nessa campanha. E a nossa companheira Marina Silva, que todos vocês conhecem, foi outra guerreira. Tem figuras muito importantes nessa campanha. Esse senador Randolfe, do Amapá, foi um guerreiro, não apenas na CPI, mas na minha campanha também, ele foi muito grande. Quem mais que eu não falei ainda. O nosso companheiro, senador de Pernambuco, Humberto Costa. Eu não tenho uma nominata aqui, mas eu queria dizer ao companheiro Haddad. Eu acho que a campanha do Haddad, ela foi fundamental para a gente chegar até onde nós chegamos.

Vocês sabem que eu to num misto de alegria por dentro, porque foi a campanha mais difícil que eu fiz na minha vida. Não foi uma campanha de um homem contra um outro homem, de um partido contra outro partido, foi a campanha de um conjunto de pessoas que amam a liberdade, a democracia, contra o autoritarismo, em qualquer momento da história. Então, eu quero dedicar essa vitória à democracia e ao futuro do povo brasileiro.

Eu, companheiros, eu agora vou me dirigir um pouco naquela ponta, porque aquelas pessoas que estão de lá, contribuíram para a gente ser eleito também, mas eu vou voltar aqui ainda. Eu tenho que ir naquela ponta e eu tenho que ir naquela ponta, para depois voltar aqui. Tá bem?

Alô, povo brasileiro! Que a razão da minha vitória foi a dedicação, o trabalho de cada um de vocês. De cada homem e de cada mulher que acreditava na liberdade, que acreditava na possibilidade da gente recuperar esse país para o povo brasileiro. Essa vitória não é a minha vitória, é a vitória do povo brasileiro e da democracia. Eu quero agradecer a cada companheiro e cada companheira que participou dessa campanha. Dizer para vocês que eu gostaria de estar só alegre, mas eu estou metade alegre e metade preocupado, porque a partir de amanhã eu tenho que começar a me preocupar como é que a gente vai governar esse país. Eu preciso saber se o presidente que nós derrotamos vai permitir que haja uma transição para que a gente tome conhecimento das coisas.

Eu quero dizer para vocês que eu tenho dois meses apenas. Dois meses para montar o governo, para conhecer a máquina como está e eu preciso escolher bem cada pessoa que vai participar da nova democratização do nosso país. Eu talvez tire uns dois dias para descansar e depois eu vou começar a trabalhar, porque eu já fui presidente, eu já ganhei a primeira vez. E essa, de todas as histórias que eu tive, essa é vitória mais consagrada, porque nós derrotamos o autoritarismo e o fascismo desse país. A democracia está de volta no Brasil. A liberdade está de volta no Brasil. O povo vai poder sorrir outra vez. O povo vai poder ter acesso à cultura, porque a cultura vai voltar muito forte para esse país. A educação vai voltar muito forte para esse país e as pessoas que estão dormindo debaixo da ponte vão voltar a comer, vão voltar a ter moradia e vão voltar a ter emprego. Essa é uma das tarefas que vocês me deram e eu espero nunca, espero nunca cair o sonho que levou vocês a acreditarem que era possível reconstruir esse país.

Muito obrigado, gente. Muito obrigado. Que Deus abençoe cada um de vocês. Agora, eu peço licença que eu vou fazer um discurso do outro lado, mas antes, eu quero dar um abraço numa pessoa especial, que é a companheira Dilma Rousseff. Agora, nós vamos para o outro lado falar. Eu falei com a esquerda, falei com o centro e do outro lado eu vou falar com a esquerda outra vez, aqui não tem direita.

Agora eu vou para a esquerda do lado de lá. Atenção. Atenção. Atenção. Atenção. Atenção povo de São Paulo. Povo do Brasil. Eu já falei no centro, falei para a esquerda e agora tô falando para a esquerda outra vez. Queridos companheiros e queridas companheiras. Eu acho que hoje é dia de nós, que moramos em São Paulo, agradecer a um povo extraordinário, um povo que foi ofendido pelo meu adversário, que é o nosso

querido povo nordestino, que nos consagrou com essa vitória extraordinária. Eu quero agradecer aos 215 milhões de habitantes, mas o povo do nordeste merece uma palavra especial, porque aquele povo foi muito porreta no primeiro, no segundo, na eleição da Dilma, na minha primeira eleição e vai ser muito porreta para ajudar a gente a governar esse país.

Gente, eu não tô muito em condições de fazer muito discurso, porque a emoção está me comendo aqui. Foi uma campanha muito difícil, não foi uma campanha do Lula contra o Bolsonaro, foi uma campanha da democracia contra a barbárie. Foi uma campanha daquelas pessoas que amam a educação, daquelas pessoas que amam ciência e tecnologia, daquelas pessoas que amam a cultura, daquelas pessoas que querem mais cultura, daquelas pessoas que querem trabalhar e ser remuneradas de forma decente. Daquela mulher que quer um salário igual ao homem, exercendo a mesma função.

O Lula contra o Bolsonaro foi uma campanha da democracia contra a barbárie, foi uma campanha daquelas pessoas que amam a educação, daquelas pessoas que amam os serviços de tecnologia, daquelas pessoas que amam a cultura, daquelas pessoas que querem mais cultura, daquelas pessoas que querem trabalhar e ser remunerada de forma decente. Daquela mulher que quer um salário igual ao homem exercendo a mesma função. Essa foi a vitória das mulheres que não querem ser tratadas como objeto de cama e mesa e querem ser tratadas como sujeitas da história. A mulher quer, ela pode e ela deve estar aonde ela quiser, sem pedir licença. Por isso companheiros, todos vocês sabem, o que nós fizemos nesse país, eu jamais imaginei que a pobreza iria voltar do tamanho que...

Porque não tem o que comer. Esse país é o terceiro produtor de alimentos do mundo. O que falta é vergonha na cara das pessoas que governam esse país. E eu volto a prometer pra vocês. Eu tenho muitos compromissos, muitas tarefas, mas a mais essencial é garantir que cada criança, que cada mulher, que cada adolescente, que cada homem, possam todo dia tomar café, almoçar e jantar as calorias e as proteínas necessárias. Eu quero que vocês saibam que vamos recuperar o Ministério da Cultura e vamos criar comitês estaduais de cultura, para que a cultura se transforme em uma coisa para que as pessoas tenham acesso, para que a cultura se transforme numa cultura de produzir emprego e de gerar renda. Quem tem medo de cultura é quem não gosta do povo, é quem não gosta de liberdade, é quem não gosta de democracia e nenhuma nação do mundo será uma verdadeira nação se não tiver liberdade cultural. E o país vai recuperar a cultura. Eu quero dizer pra vocês que estou muito emocionado porque foi a guerra mais difícil que enfrentei, nunca na minha vida enfrentamos uma batalha em que o adversário jogou...

Uma indústria de fake news que mentiu 24 horas por dia e que não trabalhava mais. Eu e a Dilma, quando fomos candidatos à reeleição, a gente trabalhava o dia inteiro, a gente só ia fazer campanha de noite, e por isso quero homenagear a companheira Dilma Rousseff.

Quero agradecer o Alckmin pela ajuda que me deu e que vai dar pra resolver os problemas desse país. Eu volto a dizer pra vocês, eu fui eleito pra governar para 215 milhões de brasileiros. Eu vou governar para todos, sem distinção, sem olhar se é rico ou se é pobre, sem olhar se é de esquerda ou de direita, mas as pessoas em que saber, embora eu vá governar pra todos, são os mais necessitados que irão receber a política mais influente do meu governo. Nós temos que recuperar a educação das nossas crianças porque as famílias mais pobres perderam dois anos com a pandemia e nós precisamos fazer um mutirão para tentar reeducar essas crianças pra poder chegar a um nível que deveria estar. Nós vamos voltar a fazer uma revolução, vai ter Prouni outra vez, vai ter Fies, vai ter Reuni, vai ter Pronatec, ou seja, ninguém venha me dizer que a gente não pode colocar dinheiro na educação, que é gasto. Investir em educação não é gasto, é investimento no futuro desse país. Portanto, gente, quero agradecer a vocês. E eu não podia deixar de agradecer a minha cara metade, a companheira Janja. Eu quase que fui enterrado vivo neste país. Eu considero o momento que estou vivendo quase uma ressurreição. Eu recuperei, eles pensavam que tinham me matado, eles pensavam que tinham acabado com a minha vida política, eles me destruíram contando mentiras ao meu respeito. E graças a Deus eu estou aqui firme e forte, amando outra vez e apaixonado pela minha mulher. E é ela que vai me dar forças para enfrentar todos os obstáculos. E eu quero dizer pra vocês que não há nada nesse mundo que vai me fazer esmorecer, não há nada nesse mundo que vai proibir de fazer o que tem que ser feito nesse país,

esse povo tem que voltar a sorrir, esse povo tem que voltar a comer, esse povo tem que voltar a trabalhar, e eu vou outra vez recuperar o Brasil diante do mundo. O Brasil não vai mais ser pária da sociedade, o Brasil vai ser protagonista internacional, porque a gente vai voltar a receber os presidentes e visitar outros presidentes. E eu devo tudo isso a vocês, à generosidade de vocês. Eu digo que Deus foi muito generoso comigo, porque sair de onde saí, não morrer de fome até completar 5 anos de idade e viver e ser presidente duas vezes e voltar aos 77 anos e ganhar outra vez só pode ser obra de Deus e do povo brasileiro. E por isso não posso faltar com vocês, não posso faltar com a minha fé, e prometo a vocês que vou fazer tudo o que eu puder, vou fazer mais do que eu puder, porque o que vocês me deram como voto de confiança exige de mim respeito a vocês, admiração a vocês.

E quero dizer que vamos voltar a criar as conferências nacionais, todas as políticas públicas serão emanadas do povo para o povo, em conferências nacionais, municipais, estaduais. Por isso gente, do fundo do meu coração, obrigado meu Deus, e obrigado povo brasileiro pela glória que vocês me deram de vencer essas eleições e por isso não posso faltar e eu sei que somente com a participação de vocês eu tenho certeza que vamos cumprir todas as tarefas que assumimos com vocês. Eu acho que o povo já chega de sofrer, não é possível um povo tão bondoso, povo carinhoso, que gosta de música, povo que gosta de samba, um povo alegre, sofrer tanto por um governo fascista, que não gostava do povo, que não gostava de negro, que não gostava de indígena. E a minha resposta para os indígenas é que vamos criar o ministério dos povos originários, para que eles nunca mais sejam desrespeitados, para que eles nunca mais sejam tratados como cidadão de segunda categoria. E vamos ter uma luta ferrenha contra o preconceito e o racismo. O racismo é uma doença que precisamos extirpar do nosso país. Não é possível. Deus nos fez iguais e não é possível que alguém seja tratado como inferior só porque não tem a cor branca. Não há nenhum branco melhor que nenhum negro e não há nenhum negro melhor que nenhum branco, nós somos iguais, o que precisamos é oportunidade iguais pra gente provar que todo mundo tem competência, que todo mundo tem sabedoria. Meus companheiros da minha esquerda da Avenida Paulista, um beijo no coração de cada homem, de cada mulher. Eu vou descansar uns dois dias, depois estarei pronto para montar o governo, o que vamos fazer. Um beijo no coração. Se eu fosse transformado em ouro, ainda não poderia pagar o que vocês fizeram hoje pela democracia brasileira, pela cultura e pela liberdade. Um abraço.

Porque o povo de trás também votou. Meus companheiros e companheiras, um beijo no coração. Obrigado por tudo que vocês fizeram. Essa vitória não é minha, não é do Alckmin, essa vitória é de vocês, essa vitória é do filho de vocês, essa vitória é para o neto de vocês, porque é a vitória da democracia, da liberdade, é a vitória de reconquistar o direito de sorrir e de andar de cabeça erguida nesse país. Obrigado, povo brasileiro. Obrigado, povo de São Paulo. Obrigado nordeste maravilhoso, que nos deu mais uma vitória na vida. E aqui tá a Daniela Mercury, representante do nordeste. Um beijo no coração. Eu agora vou falar ali outra vez. Me deram o microfone em quatro lugares pra falar. Eu não paro mais hoje de falar, mais um discurso por aqui agora.

Gente, eu quero. Eu já falei ali das mulheres. Eu não posso falar do Corinthians, porque tem outras pessoas aqui. Mas deixa eu falar uma coisa. Gente, eu falei que não ia falar e já falei três vezes. Eu quero me despedir de vocês dizendo para vocês que um novo amanhã está surgindo. Não será uma tarefa fácil. Eu quero que vocês saibam que o governo será montado com a cara da minha vitória, com os partidos que participaram, com gente da sociedade que pode contribuir. Vocês sabem que a gente vai ter que ter um governo para conversar com muita gente que tá com raiva. Em qualquer lugar do mundo, o presidente derrotado já teria ligado para mim reconhecendo a derrota. Ele até agora não ligou. Não sei se vai ligar e não sei se vai reconhecer. De qualquer forma, eu quero que ele saiba o seguinte. Eu devo grande parte da minha vitória à coragem e à atitude das mulheres brasileiras, que é a maioria absoluta da população.

Quero terminar a minha fala dando um beijo no coração de cada uma de vocês e dando um beijo na minha querida Janja. Não chegou a ser um beijo de novela, mas foi um beijo. Obrigado, gente. Que Deus abençoe vocês. Que Deus abençoe e vamos juntos, que nós vamos recuperar o direito de sorrir nesse país, o direito de ser alegre, o direito de estudar, o direito de comer e o direito de continuar sonhando. Que Deus abençoe a

cada um de vocês, a cada uma. E um beijo no coração, um beijo no coração de todas vocês. Tchau, gente. Até o próximo encontro.”

Fonte:

<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/leia-e-veja-a-integra-dos-discursos-de-lula-apos-vitoria-nas-eleicoes.ghtml>